

ESTÉTICA NEGRA: O JORNAL COMO FONTE DE PESQUISA

Cassi Ladi Reis Coutinho¹

Resumo:

Esta comunicação pretende apresentar o processo e análise do jornal A Tarde como fonte de pesquisa para construção do projeto A Estética Negra em Salvador 1980-2005. Para tal, é importante ressaltar a modificação da visão apresentada por este, no que se refere à imagem do negro, em dois momentos históricos o que nos propõe uma análise crítica desta fonte, a partir do momento que ela não só nos apresenta o cotidiano da sociedade em questão, mas também os ensaios do autor e do seu tempo. Esta visão possibilita a construção e desconstrução de imagens sustentadas, que podem contribuir, ou não, para a valorização da auto-estima dos sujeitos. Esta que é de extrema importância na formação do indivíduo, principalmente em idade escolar. A escola aparece como um dos espaços onde se desenvolve o processo de construção da identidade (Gomes, 2003). A exposição deste trabalho, ainda em desenvolvimento, possibilitará a troca de informações e o seu enriquecimento.

Palavras Chaves: comportamento, estética, auto-estima, identidade negra.

No Brasil, temos assistido, ao longo dos anos, o crescimento de uma estética negra com uma valorização positiva de aspectos fenóticos “naturais”. Podemos verificar uma maior aceitação ou menor rejeição pela sociedade em geral de um modelo de pentear/adornar os cabelos que diferem do baseado no “padrão europeu”.

Nos Estados Unidos surgiram movimentos que lutaram pelos direitos dos negros com variadas estratégias, entre outras de modificação do padrão de beleza, baseado numa estética branca. Por exemplo, na década de 1960: “*A Fuller Products Company fatura mais de 10 milhões de dólares com o lançamento de cremes para branquear a pele e alisar o cabelo. A propaganda promete com isso, o fim da discriminação*”². Empresas como esta continuam faturando com a falsa propaganda de modificação dos fenótipos dos negros.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, na linha de pesquisa Estudos sobre Trajetórias de Populações Afro-Brasileiras, na Universidade do Estado da Bahia. cassiladi@yahoo.com.br

² FAUSTINO, Oswald. A década que mudou tudo. *Revista Raça*. São Paulo, Editora Símbolo, nº. 26, Ano 3, out. 1998, PP. 50 – 52. p. 51

Na África, as mulheres consomem produtos para branquear a pele. O sucesso destes produtos é devido à insatisfação da maioria da população negra com as suas características físicas, gestando uma “necessidade” de mudar e de assumir um padrão de beleza branca muito grande. Em contraponto com esta situação surgiu o movimento *Black Power*³, na década de 1960, caracterizado pelo uso dos cabelos sem intervenção química ou física para “alisar”, o que foi definido como “natural”, por jovens negros, juntamente com este movimento surgiu o slogan “*Black is beautiful*” defendendo a afirmação de que “ser negro é lindo”.

Foi nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, os dois centros irradiadores da influência norte-americana, que apareceu o corte *black power* – cabelo redondo e cheio, *in natura*. Por conseguinte, com a crescente valorização da busca da “consciência racial”, procurou-se uma “naturalização” dos cortes, traçados e penteados afro, com repúdio do alisamento – “além de decadente [o alisamento], é prejudicial porque impede o crescimento do cabelo”.

A imagem do cabelo natural passou a ser reverenciada como aquela que se contrapõe ao cabelo liso que estaria em consonância com uma nova mentalidade do “ser negro”.⁴

O Brasil do final dos anos 60 vivia a ditadura militar, com censura, prisões, exílio e tudo mais por isso, o que chegou à população afro-brasileira do movimento norte americano foi só a estética Black Power os cabelos, a soul music, as roupas, boinas e a ginga tornaram-se moda. Artistas com Tim Maia, Tony Tornado e Trio Ternura reproduziam o que James Brown, a banda Paliamment, os Jackson Five e tantos outros faziam palcos americanos, fortalecendo a auto estima dos negros. Gravações mais explícitas foram feitas por Wilson Simonal, com Tributo a Martin Luther King e por Elis Regina com Black is Beautiful.⁵

Na década de 1970, segundo Márcio J. de Macedo, outro movimento que modificou a imagem do negro como “feio” foi o rastafarianismo, que repercutiu na figura de Bob Marley e da explosão do *reggae music*.⁶ O “rastaman”, como é conhecido o adepto da religião, sustenta seus *dreadlocks* e tem sua “*filosofia de vida baseada na mistura de elementos da tradição judaico-cristã com a história da África, especificamente a Etiópia*”,⁷ Eles consideram o imperador da Etiópia, Ras Tafari Makonen (este é o título de Haile Selassié I), a forma humana de Deus (Jah).

³ Expressão que significa poder negro criada por Stokely Carmichael. Este movimento surgiu, no final dos anos 60 em oposição a direção reformista do movimento pelos direitos civis – no sul dos EUA e em outras partes da América do norte.

⁴ SANTOS, Jocélio Teles dos, O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. In: *Estudos afro-asiáticos*. n.º. 38; Rio de Janeiro: dez/2000. p.55

⁵ FAUSTINO, Oswaldo. Black Power. Revista Raça. São Paulo, Editora Símbolo, n.º. 8, Ano 2, abr. 1997, pp. 102 – 107. p. 106

⁶ Gênero musical desenvolvido na Jamaica em 1960

⁷ “A palavra dread teve origem na Jamaica e significa ameaça ou perigo. (...) Atualmente, a palavra dread é usada para definir um estilo de cabelo. (...)

Dreadlock são cabelos que se enrolam naturalmente e não voltam a sua forma original, a não ser que sejam cortados.” ISSO é dread, sim! *Visual da Raça*, São Paulo, Editora Símbolo, n.º. 8, Ano 1, 1997, pp. 36 – 38. p. 37

Iniciado em 1930, o Movimento Rastafári tem como teoria a volta do povo negro para a sua terra de origem, ou seja, a África. O imperador etíope Hailé Selassié I, morto 1974, é considerado pelos membros da seita rastafári um deus, também chamado de Jah. Os rastafáris misturam conceitos bíblicos com rituais africanos, não comem carne de porco, não se casam e protestam contra a pobreza, contra o desemprego e a violência, fatos que marcaram suas vidas na Jamaica.⁸

Segundo Macedo, através destes penteados os negros mostravam sua insatisfação acerca de como eram tratados ao longo dos anos.

As tranças dreadlocks foram tomadas pelo ativismo negro de várias partes do mundo como uma forma de afirmação da identidade negra e de posicionamento político, algo que já havia acontecido com o corte “afro” ou black power na década anterior. Além desse aspecto político, esses fatos demonstravam que era possível criar um estilo negro próprio, desde que começássemos a valorizar o nosso corpo de forma sincera e livre de estereótipos.⁹

Esta discussão remete ao cabelo o papel de símbolo de resistência de uma cultura imposta, que ao invés de assumir a suas características estimula a sua modificação. Vovô, presidente do Ilê Aiyê, defende, na matéria do “A Tarde”, que a consciência cultural começa nos cabelos. O seu cabelo *rastafari* é tido, por ele, como um sinal de luta pela resistência.¹⁰ Assim como Nelson Triunfo que afirmou na “Folha de São Paulo”, como seu cabelo é um símbolo de resistência, principalmente do preconceito:

(...) eu era doido para deixar meu cabelo crescer. Meus pais não deixavam. Quando saí, deixar o cabelo crescer foi a primeira coisa que fiz. Era para mim como a liberdade. Deixar crescer, na época chamava pigmalhão, com um rabo atrás, muito gozado. Fiz 18 anos e fui para o Exército. Fiquei no excesso de contingente, nem servi, mas os caras cortaram meu cabelo, me deixaram careca. Com raiva nunca mais cortei desde 73. Acho que sou o único black power da época que permaneceu até hoje.¹¹

⁸ ISSO é dread, sim! *Visual da Raça*, São Paulo, Editora Símbolo, nº. 8, Ano 1, 1997, pp. 36 – 38. p. 36

⁹ MACEDO, Márcio José. “Quero uma nega de cabelo duro”. São Paulo: Disponível em: www.afirma.inf.br, 23/09/2004. Acesso em: 21/11/2005. p. 1

¹⁰ “MARCA registrada que dá trabalho” In: *A Tarde*. Salvador-Ba: 30/04/2000, A Tarde – Local, p.7.

¹¹ SANCHES, Pedro Araújo. “O Último Black Power”. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo: 29/06/2001, Folha Ilustrada, p. E1.



Na foto acima podemos observar a imagem de um oriçador, objeto utilizado para pentear o cabelo black power possibilitando o formato arredondado.¹²

Em fevereiro de 1975 saiu, pela primeira vez no carnaval de Salvador, o bloco Ilê Aiyê, em plena ditadura militar. O Ilê trazia em suas músicas a temática da afirmação do negro, valorizando o cabelo, as vestimentas, a magia do candomblé, a cultura e tradições. A saída do Ilê representou para uma parcela do povo negro uma expressão da busca pela auto-afirmação. A professora Arani Santana, uma das diretoras do bloco, define:

Foi o Ilê Aiyê que fez este trabalho, em seguida os outros blocos também. Que ajudou a população negra a botar a cara pra fora, se assumir, assumir a sua estética, assumir a sua fala, a conquistar espaços cada vez mais, foi com a canção, com a letra da música que deu essa força pra gente caminhar.¹³

Assim como Risério:

Aliás, foi o pessoal do Ilê Aiyê, que se responsabilizou pela popularização – através do carnaval – do uso de trancinhas em Salvador. Nos tempos em que o lance era a soul music e as discotecas, o penteado mais comum, em meio à juventude negromestiça, era o chamado “cabelo black power”, tipo “afro”.¹⁴

Um dos objetivos do Ilê era justamente o de dar visibilidade ao negro que assumia um papel secundário no carnaval e dentro da sociedade. A Noite da Beleza Negra foi um dos projetos do Ilê Aiyê que teve grande repercussão na discussão sobre a auto-afirmação e na valorização de uma beleza negra.

¹² Nelson Triunfo. São Paulo.

¹³ Arani Santana, Pedagoga, 51 anos. Entrevista realizada em Salvador, Itapuã, 2003. Depoimento citado.

¹⁴ RISÉRIO, Antonio. *Carnaval Ijexá*. Salvador: Corrupio, 1981. p.42

A concepção de beleza proposta pelo Ilê contrapõe-se aos critérios de beleza vigentes em diversos concursos de beleza, ao padrão vinculado pela mídia e principalmente as imagens das mulatas que desfilam nos carros alegóricos das escolas de samba.

A beleza proposta pelo Ilê esconde exatamente o que todos vêm expostos, os corpos das mulheres negras.¹⁵

Nesse evento, que ainda acontece, é escolhida a negra mais bonita do Ilê Aiyê, a Deusa do Ébano, aquela que irá reinar durante um ano, participando das atividades do bloco. Os pré-requisitos analisados para a escolha da rainha são os penteados, dança, vestimentas. Além disso, a candidata deve ter consciência da sua negritude e ter participação na sua sociedade.

A primeira saída do Ilê teve grande repercussão negativa nos meios de comunicação, como pode ser observado nesta matéria do jornal “A Tarde”, que permite evidenciar o preconceito diante dos blocos afros, além da tentativa de aproximar o Ilê dos “comunistas”, devido ao protesto contra a discriminação racial.

Bloco Racista, Nota Destoante.

Conduzindo cartazes onde se liam inscrições tais como: "Mundo Negro", "Black Power", "Negro para Você", etc., o Bloco Ilê Aiyê, apelidado de "Bloco do Racismo", proporcionou um feio espetáculo neste carnaval. Além da imprópria exploração do tema e da imitação norte-americana, revelando uma enorme falta de imaginação, uma vez que em nosso país existe uma infinidade de motivos a serem explorados, os integrantes do "Ilê Aiyê" - todos de cor - chegaram até a gozação dos brancos e das demais pessoas que os observavam do palanque oficial. Pela própria proibição existente no país contra o racismo é de esperar que os integrantes do "Ilê" voltem de outra maneira no próximo ano, e usem de outra forma a natural liberação do instinto característica do Carnaval.

Não temos felizmente problema racial. Esta é uma das grandes felicidades do povo brasileiro. A harmonia que reina entre as parcelas provenientes das diferentes etnias, constitui, está claro, um dos motivos de inconformidade dos agentes de irritação que bem gostariam de somar aos propósitos da luta de classes o espetáculo da luta de raças. Mas, isto no Brasil, eles não conseguem. E sempre que põem o rabo de fora denunciam a origem ideológica a que estão ligados. É muito difícil que aconteça diferentemente com estes mocinhos do "Ilê Aiyê".¹⁶

Dessa matéria à leitura que realizamos, ilumina um discurso sustentado pela elite branca da existência de uma democracia racial, e também a discriminação que sofriam os blocos de negros, assim assumidos, enquanto reivindicatórios, que se “atreviam” a sair no carnaval. Fica evidente que quando levantadas discussões sobre a questão racial em Salvador, estas eram massacradas com a afirmação que nesta cidade não existiam problemas raciais, pois aqui era o “paraíso racial”, onde todas as “cores” viviam harmoniosamente. O protesto cabia àqueles que estavam insatisfeitos com a

¹⁵ Deusa do Ébano: concurso a Noite da Beleza Negra. Realização Ângela Figueiredo. Salvador, 2003. Filme-Documentário.

¹⁶ “BLOCO racista nota destoante” In: *A Tarde*. Salvador-Ba: 12/02/1975, p.3.

sociedade. Insatisfação que era tida como desnecessária pelas elites baianas, que se baseavam na falsa idéia de democracia racial.

Fazendo uma análise de como a beleza negra começa a tomar espaço na sociedade baiana, acredita-se que seja interessante fazê-lo através de um fator que gera bastante discussão entre os negros(as) da sociedade: o cabelo. “*O elemento em cima do negro, da estética negra, um dos elementos que mais incomoda tanto ao branco quanto ao próprio negro é é é a história do cabelo*”.¹⁷ Isto porque este é um ponto importante na vida do negro, principalmente da mulher, o que não significa dizer que o homem não se preocupe com isto, porém este fator não faz com que este se sinta tão diminuído por não ter uma das suas características físicas aceitas pela sociedade. Porém, se formos analisar a concepção defendida por alguns homens, como Ronaldinho o fenômeno do futebol, que andou afirmando que não era negro e verificarmos que ele mantém a sua cabeça raspada o tempo todo. Podemos até chegar a conclusão de que este é um artifício utilizado pelo homem para fugir de uma das características físicas marcantes que o negro possui.

Hildegardes Viana defende: “*O cabelo duro, para o homem de cor, não pesava tanto, a ponto de se transformar em problema. Bastava cortar o cabelo bem rente ao casco*”.¹⁸ Porém no mesmo capítulo chama a atenção para relação entre os homens de cabeça raspada e a marginalidade, como afirma,

Só os mandiguerotes, ladrões, desordeiros, malandrêus ou que nome tivessem, cultivavam uma basta gaforinha, sem complexos de espécie alguma. O verdadeiro matagal de fios duros emaranhados servia para acomodar a navalha traiçoeira, surgida em momentos críticos, ou algum cilindro pequeno com pó venoso destinado a sortilégios. Por isto, a primeira providência da polícia, quando fisgava o marginal, era tirar os botões da sua calça para evitar fuga. Em seguida raspar a cabeça para ver o que é que havia.

Cabeça pelada era cabeça de ladrão.¹⁹

Para a mulher era diferente, o cabelo representava um símbolo de beleza que compunha a sua estética. A partir deste ponto, existe uma série de discussões relacionadas com o cabelo do negro e a principal dela é o significado que foi criado sobre este. “Cabelo de bombril, esponja, piaçava, pucumã, cabelo ruim”, as mulheres de cabelos crespos crescem ouvindo frases como essas repetidas vezes na maioria dos

¹⁷ Arani Santana

¹⁸ VIANNA, Hildegardes. *A Bahia já foi assim: crônicas de costumes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: GRD, 1979. p.138

¹⁹ VIANNA, p. 138

ambientes que frequenta. O cabelo foi, e continua sendo, um símbolo que demarcava a sua origem “racial”. Para as mulheres lidar com o cabelo sempre foi extremamente complicado e existia uma insatisfação desta com seu cabelo independente da forma que ele se apresente. A folclorista baiana Hildegardes Vianna enumerou apelidos pejorativos, comuns e correntes na sociedade baiana para classificar o cabelo dos negros, dentre eles: “(...) *cabeça seca, cabeça fria, cabeleira xoxô, cabelo de romper fronha, cabelo de perder missa, cabelo amoroso ao casco, cabeleira de sebo, cabeleira teimosa, pão de leite, etc*”.²⁰ Afrânio Peixoto defendeu em *Breviário da Bahia* que o feio da raça não era sua cor, mas sim o seu cabelo. Peixoto afirmou que torços e panos eram utilizados para esconder a *cabeleira dura*, conceito que difere do defendido e aceito pelos africanos, que utilizam seus torços e panos para rituais ou para compor as cabeças das mulheres, ou homens, como é o caso da religião muçulmana. Raul Lody pertinentemente adverte que “(...) *tranças e torços garantem a estética dos cabelos e também sinalizam as identidades de grupos sociais*”.²¹

O cabelo sempre teve um significado para o africano e seus penteados demonstravam o resgate da memória, cultura e religião. Segundo Raul Lody, o cabelo é um indício marcante da procedência étnica e é através dele que o negro hoje assume sua estética na sociedade. Nilma Lino Gomes relata no seu livro *Sem perder a raiz* os diversos significados que o cabelo crespo possuía nas comunidades africanas e as resignificações que este cabelo vem tomando dentro da sociedade atual. Discorre também sobre as diferenças dadas as artes e adornos corporais nas diversas etnias e o significado simbólico dos penteados.

Tradicionalmente, os penteados dessas africanas cumpriam função simbólica importante ao classificar as mulheres em diferentes idades, de acordo com ciclo biológico. Eram, portanto, uma forma de identificação.

(...)

Muitos integrantes dessas sociedades, incluindo os *wolof, mende, mandigo e iorubas*, foram escravizados e trazidos para o Novo Mundo. Nessas culturas o cabelo era parte integrante de um complexo sistema de linguagem. Desde o surgimento da civilização africana, o estilo do cabelo tem sido usado para indicar o estado civil, a origem geográfica, a idade, a religião, a identidade étnica, a riqueza e a posição social das pessoas. Em algumas culturas, sobrenome de uma pessoa podia ser descoberto simplesmente pelo exame do

²⁰ VIANNA, p. 138

²¹ LODY, Raul Giovanni. *Cabelos de axé: identidade e resistência*. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 2004. p.11.

cabelo, uma pessoa podia ser descoberto simplesmente pelo exame do cabelo, uma vez que cada clã tinha o seu próprio e único estilo.

O significado social do cabelo era uma riqueza para o africano. Dessa forma, os aspectos estéticos assumiam lugar de importância na vida cultural das diferentes etnias.²²

Analisando as diversas maneiras que o negro(a) utiliza seus cabelos encontramos algumas discordâncias quanto à posição, hoje defendida por muitos, de que a mulher negra, quando não “assume” seu cabelo natural, alisando-os nos seus vários métodos, não estaria se assumindo como negra e, mais do que isso, estaria mantendo um padrão de beleza ditado pelo europeu. A mulher e o homem podem se ver como negros (as), mas isso não impede que escolham a forma que querem ter sua imagem representada, pois nem todas as pessoas que assumem as tranças e cabelos *black power* têm consciência do porque fazem isso.

Na verdade, o grande questionamento era que o cabelo não se apresentava dentro do padrão que a sociedade exigia e sustentava, usando um modelo que afrontava essa sociedade. Raimundo Coutinho exemplifica muito bem esse diálogo quando define:

A forma irreverente de você se expressar sempre incomoda aos as pessoas que querem manter o padrão “europeu” ou aquele chamado padrão estético do,do, do bom moço, né. O bom rapazinho, educaduzinho, aquele que sempre expressa o padrão europeu, né, esse sempre tem um olhar, né,é,é,é, mas acolhido pela sociedade e por conta de entender que esse daí tem alguma coisa a oferecer, por se comportar dessa forma. Mas aqueles, como eu, que sempre buscou uma forma irreverente, rebelde, né, de como é, a gente procurava expressar nossa liberdade. Ele sempre era visto como o marginalizado, ou alguém que usava drogas, ou alguém que não tinha responsabilidade ou tava inclinado para malandragem, ou coisa parecida. (...)uma forma muito sutil da discriminação de questionar, mais você com o cabelo cortadinho, bem arrumadinho, ficaria mais bonito.²³

Essa discussão emprestou ao cabelo crespo o papel de símbolo de resistência de uma cultura imposta que favoreceu a tentativa de modificação de suas características. Bell Hooks faz uma discussão sobre a luta de homens e mulheres contra estereótipos racistas, que tem como objetivo combater a imagem pejorativa.²⁴

O cabelo foi cantado de forma pejorativa, constituindo a desvalorização e discriminação da mulher negra, apesar da visão desta como fogosa e cheia de sensualidade, idéia sustentada por Gilberto Freyre em *Casa Grande Senzala*, divulgada

²² GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.351

²³ Raimundo Coutinho Sobrinho, Operador de Sistema, 47 anos. Entrevista realizada em Salvador, Itapuã, 2006. Depoimento citado.

²⁴ HOOKS, Bells. *Black looks: race and representantion*. Boston: South End, 1992.

pelos ratificadores desta representação. Esta imagem ainda permanece enraizada no discurso da sociedade que se prende a esta construção como se esta representasse quem o negro é de fato.

Nega do cabelo duro/ Qual é o pente que te penteia/ Teu cabelo está a moda/
O teu corpo bamboleia/Misamplias ferro e fogo/ Não desmancha nem na areia...²⁵

Olha a nega do cabelo duro, que não gosta de pentear/Quando passa na
Baixa do Tubo o negrão começa a gritar/Pega ela aí, pega ela aí....²⁶

Meu cabelo duro é assim, cabelo duro, de pixaim/ Nega não precisa nem
falar, nega não precisa nem dizer/ Que meu cabelo duro se parece é com
você...²⁷

Moça de joãozinho no cabelo (...) Lisa a ponta do cabelo/ Alisa aponta do
cabelo/ Corre quando começa a chover/ Olha só vai enrolar/ O cabelo
encolher...²⁸

Em contraponto encontramos músicas que fizeram críticas a esta visão antiga e preconceituosa. Letras que reforçaram a afirmação do negro, buscando valorizar as suas características como belas.

Quando essa preta começa a tratar o cabelo/ É de se olhar? Toda a trama da
trança da transa do cabelo/ Conchas do mar/ Ela manda buscar pra botar no
cabelo/ Toda minúcia, toda delícia...²⁹

Meu cabelo enrolado/ Todos querem imitar/ Tá todo mundo baratinado/
Também querem enrolar/ Você ri da minha roupa/ Você ri do meu cabelo/
Você ri da minha pele/ Você ri do meu sorriso...³⁰

Somos crioulos doidos/ Somos bem legal/ Temos cabelo duro/ Somos Black
Power³¹

Eu tenho cabelo duro/ Mas não o miolo mole/ Sou afro brasileiro puro...³²

Cabelo pode ser cortado/ Cabelo pode ser comprido/ Cabelo pode ser
trançado/ Cabelo pode ser tingido/ Aparado ou escovado/ Descolorido ou
descabelado/ Cabelo pode ser bonito....³³

Fazendo uma comparação com o que as músicas nos apresentam, verificamos o quanto o cabelo foi e continua a ser utilizado para, de forma pejorativa, discriminar e, em contraponto, outros o usam para valorizar a beleza negra. Algumas músicas, inocentemente ou não, desvalorizavam o cabelo da mulher negra, dando manutenção ao preconceito.

²⁵ Nega do cabelo duro. In: *Anjos do Inferno*. Columbia, 1942. Composição: Rubens Soares/David Nasser.

²⁶ Fricote. In: *Magia*. POLYGRAM, 1985 - Composição: Luis Caldas e Paulinho Camafêu.

²⁷ *Meu Cabelo Duro é assim*. In: 13 - Chiclete com Banana. BMG – Ariola, 1994. Composição: Bell Marques/ Wadinho Marques/ Paulinho Camafêu.

²⁸ *Joãozinho*. In: *Essa boneca tem manual*. SONYBMG, 2004. Composição: Vanessa da Mata.

²⁹ Beleza Pura. In: *Cinema Transcendental*. POLYGRAM, 1979. Composição: Caetano Veloso.

³⁰ Olhos Coloridos. In: *Sandra Sá*. RGE, 1982. Composição: Macau.

³¹ Que Bloco é Esse. In: *I Canto Negro – Ilê Aiyê*. POLYGRAM, 1984. Composição: Paulinho Camafêu.

³² Cabelo duro. In: *Isso vai dar Repercussão*. Elo Music, 2004. Composição: Itamar Assumpção.

³³ Cabelo. In: *Plural*. BMG, 1990. Composição: Jorge Ben Jor/ Arnaldo Antunes.

Na sua monografia *Beleza Pura: símbolos e economia ao redor do cabelo negro*, Ângela Figueiredo chama a atenção para o fato de que a manipulação do cabelo envolve o aspecto econômico e de consciência, na medida em que os métodos utilizados de alisar os cabelos têm relação com o custo que este vai ter. Outro ponto ressaltado pela autora é a relação entre a posição social e o fenótipo, e que este é exigido quando se pede uma boa aparência, estando esta relacionada à cor e ao cabelo.³⁴ E esta aparência é base de mecanismos de exclusão, pois é determinado, através dele, o embranquecimento, principalmente da mulher negra, para ser aceita pela sociedade, pois os pré-requisitos de uma boa aparência são ser jovem, branca e ter o cabelo “liso”. Por mais que se negue a existência destes pré-requisitos podemos verificar que exigência de curriculum com foto chega para demarcar ainda mais esta discussão já que agora fica mais fácil eliminar da disputa do mercado de trabalho pessoas que apresentem na foto uma estética fora dos padrões exigidos. Fazendo uma relação entre esta discussão e a entrevista realizada com Janete Ribeiro, quando questionada quais eram os motivos que a faziam preferir alisar o cabelo, respondeu: “*Não me pressiona, mas vejo a necessidade de ter um cabelo sempre arrumado e bonito, aliás, preciso, pois trabalho, às vezes, com eventos*”³⁵. Porém no decorrer da entrevista deixou escapar que seu chefe não iria gostar de vê-la com o cabelo trançado. Provavelmente esta era uma das atitudes que impulsionavam a mulher negra a alisar seu cabelo indo em busca de uma imagem determinada por padrões impostos pela sociedade.

O mercado de cosméticos cresceu bastante e a chegada do alisante revolucionou a maneira com que as mulheres passaram a alisar seus cabelos. Substitui-se o ferro por um método que necessita de manutenção, com cremes específicos, após sua aplicação, o que criou uma rotatividade imensa no mercado. Com afirma Arani Santana,

Essa coisa do cabelo que foi uma tortura pra todos nós, tanto o branco criticava o nosso cabelo, quanto nós sofriamos com este cabelo porque nós queríamos um cabelo mais próximo do padrão branco por força de tanto cantarem que é negativo, que é feio que fede, cabelo ruim, cabelo ruim, cabelo duro, cabelo de carapinha, cabelo de carapicho, cabelo de bombрил. Você ouve isto a sua vida inteira e quando começa a indústria dos produtos dos alisantes, rela, alisamento a negrada começa a alisar seus cabelos porque para ter acesso a um emprego é preciso que esteja, tenha boa aparência e a aparência da gente sempre foi muito mais o cabelo do que a cara. Se você tem um cabelo liso você é mais ou menos aceita, você se aproxima um pouco do padrão branco.³⁶

³⁴ FIGUEIREDO, Ângela. *Beleza pura: símbolos e economia ao redor do cabelo negro*. Monografia para conclusão do curso de Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, 1998. p.38

³⁵ Janete Ribeiro Coutinho, Secretaria, 42 anos. Entrevista realizada em Salvador, Engenho Velho da Federação, 2006. Depoimento citado

³⁶ Arani Santana

Esta discussão sobre o mercado consumidor que se formou sobre os produtos gerados pelo mercado, direcionados para o negro, possibilita uma relação com a idéia de “*indústria cultural*” e “*fetichismo econômico*” discutida por Marcuse e a apropriação do mercado para lucrar feita por Bell Hooks. Chama-nos a atenção a manipulação ideológica, através da cultura popular, levando os indivíduos ao consumo desnecessário, baseado apenas na ilusão de que esse consumo se faz necessário. Este discurso reforça o que é defendido por Bell Hooks e Abdias do Nascimento no que tange a mercantilização da imagem estereotipada do negro tendo como objetivo o lucro. Para tal, ocorre uma apropriação de uma imagem criada de sentidos pejorativos e que agrada ao mercado consumidor. Este fortalece esta imagem vendendo pacotes de uma imagem racista e preconceituosa.

Dentro desta análise do crescimento na venda de produtos para alisar cabelo e desestímulo na valorização de uma estética negra. Não poderia deixar de citar um conto de Cuti que acredito representar de que forma se lidava com a situação.

No cabelo crespo deu um jeito. Produtos químicos e, fim! Ficou esvoaçante e submetido diariamente a uma drástica auditoria no couro cabeludo, para evitar que as raízes pusessem as manguinhas de fora. Qualquer indício, munia-se de pasta alisante, ferro e outro que tais e...

Lá um dia, veio alguém com a notícia de “alisamento permanente”. Era passar o produto nos cabelos uma só vez e pronto, livrava-se de ficar de olho nas raízes. (...) Jussara deixou-se influenciar. (...) Com as queimaduras químicas na cabeça, foi internada às pressas, depois de alguns espasmos e desmaios.

Na manhã seguinte, ao abrir com dificuldade os olhos, no leito do hospital, um enfermeiro crioulo perguntou-lhe: Tá melhor, negã? Ela desmaiou de novo.³⁷

Neste trecho fica explícita, tanto a necessidade de esconder as raízes afro como o crescimento da indústria direcionada a realizar o sonho de livrar algumas mulheres do trabalho com o seu cabelo. É importante citar a carioca Heloísa Helena de Assis, que em entrevista na revista “Veja”, discorre sobre as experiências que fez para a criação de um produto que relaxa e hidrata o cabelo crespo, tirando-lhe o volume sem perder os cachos. Na entrevista ela afirma,

Seu objetivo era atender a um desejo de quase todas as mulheres (o “quase”, aqui, é uma concessão à retórica feminista): arranjar namorado. De acordo com Zica, no caso das negras, o cabelo crespo às vezes prejudica bastante a consecução desse objetivo. Ela própria fornece o exemplo para essa tese. (...) O máximo que conseguiu foi ganhar um concurso de penteado black

³⁷ CÚTI. “Incidente na raiz”. In: *Negros em Contos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1996. p.118 e 119

power. (...) O primeiro namorado só apareceu aos 16 anos, depois que ela se rendeu aos cremes alisantes.³⁸

Este discurso demonstra a visão preconceituosa que se tem acerca do cabelo crespo que acaba se tornando um símbolo de insatisfação do negro, que não consciente do seu papel na sociedade reproduz a visão daqueles que acreditam que o cabelo crespo é ruim, fortalecendo uma imagem criada sobre o negro dentro da sociedade.

Conclusão

O presente trabalho teve como finalidade analisar os importantes aspectos históricos sobre a discussão de uma estética negra em Salvador. Para tal, foram utilizados não só como fonte de pesquisa o Jornal A Tarde, mas também outros jornais, além de depoimentos e matérias de revistas, buscando assim enriquecer o trabalho e melhor analisar o tema proposto.

Verificamos que hoje está na moda ser negro, e se assumir como tal, principalmente com um mercado disposto a oferecer uma ampla gama de produtos pra esses consumidores. A questão é que a moda passa. E fica a dúvida: as pessoas que se relacionaram com essa moda conseguiram construir uma consciência do que é ser negro no Brasil?

Acredito que os movimentos que foram gerados ao longo das últimas décadas estão contribuindo para a formação de uma estética negra que, além de resgatar a cultura dos negros, contribui para sua aceitação na sociedade como tais e não mais como indivíduos que se utilizam do padrão europeu para ganhar espaço. Além disso, é nítido o aproveitamento do mercado para lucrar com o padrão estético negro, através da formação de produtos específicos. Isso não significa que não seja necessário os negros buscarem uma identificação com os produtos através da imagem que os definem como sendo para afro-descendentes. Significa antes que esse mercado vem se utilizando dessa necessidade para, como um fetiche, manipular a população negra para a compra desses produtos.

³⁸ JOLY, Heloisa. "A Domadora de Cabeleiras". In: *Veja*. 18 /01/ 2006, p. 88.

Bibliografia

Fontes primárias Impressas

BOCHICCHIO, Regina. “Baiano – símbolo”. *Correio da Bahia*. Salvador-Ba, 26 dez. 2002. Perfil, p.11

BORGES, Humberto. Beleza Pura: a nova transa das tranças. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, nº 1450, ano 28, fev. 1980, pp. 68 – 71.

“BLOCO racista nota destoante”. *A Tarde*. Salvador-Ba, 12 fev.1975, p.3.

“DEPOIS do ensaio geral o Ilê Aiyê dá fantasia”. *A Tarde*. Salvador-Ba, 5 fev 1975.

Deusa do Ébano: concurso a Noite da Beleza Negra. Realização Ângela Figueiredo. Salvador, 2003. Filme-Documentário.

“IDENTIDADE reconstruída”. In *Correio da Bahia*. Salvador-Ba, 27 fev 2005. Repórter.

JACOBINA, Paloma. “Que bloco é esse?”. *Correio da Bahia*. Salvador-Ba, 27 fev. 2005.

JOLY, Heloisa. “A Domadora de Cabeleiras”. *Revista Veja*. 18 fev. 2006, pp. 88-89.

MACEDO, Márcio José. “Quero uma nega de cabelo duro”. São Paulo: Disponível em: www.afirma.inf.br, 23/09/2004. Acesso em: 21/11/2005.

“MARCA registrada que dá trabalho”. *A Tarde*. Salvador-Ba, 30 abril 2000, p.7.

SANCHES, Pedro Araújo. “O Último Black Power”. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 29 jun. 2001, p. E1 e E2. (Folha Ilustrada).

SCALZO, Fernanda. “Orgulho da Raça Negra vai dos pés á cabeça, mas engancha no cabelo”. *Folha de São Paulo*, São Paulo: 25 jun.1995, p.16. (Especial-15).

SILVA, Luiz (Cutí). Incidente na raiz. *Negros em Contos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1996. pp. 118- 119.

VIANA, Mário. “O homem que gostava de ser rei”. In *Terra*. Rio de Janeiro, Editora Peixes, nº163, ano 13, pp. 54-59.

Livros, Teses, Artigos

AZEVEDO, Eliane. *Raça Conceito e Preconceito*. 2 edição. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BACELAR, Jéferson. “A Frente Negra Brasileira na Bahia”. *Revista Afro-Ásia* - Centro de Estudos Afro-Orientais - UFBA. Salvador-Ba, pp. 73 – 85, 1996.

BOAHEN, Adu (coord. do volume). A África sob dominação colonial In *História Geral a África VI 1880-1935*. São Paulo: Ática/UNESCO, 1985.

CARVALHO, José Murilo. *Formação das almas: O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FIGUEIREDO, Ângela. *Beleza pura: símbolos e economia ao redor do cabelo negro*. Monografia para conclusão do curso de Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, 1998.

FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2ª ed., São Paulo: Ed. Nacional; Recife: Instituto Joaquim Nabuco, 1979.

GARCIA, Januário (org.). *25 anos: Movimento negro no Brasil (1980-2005)*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.29, n.1, p.167-182, jan./jun. 2003.

HABERT, Nadine. *A década de 70: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. São Paulo: Ática, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. “Cidadania: Identidade Cultural e Diáspora”. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. n. 24, jan-dez 1996, pp. 68 – 75

HUME, David. “Do padrão do gosto” In *Ensaaios Morais, Políticos e Literários*. São Paulo: Nova Cultural; Coleção Os Pensadores, 1999 pp. 333-350.

LODY, Raul Giovanni. *Cabelos de axé: identidade e resistência*. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 2004.

MINTZ, Sidney W. e PRICE, Richard. *O Nascimento da Cultura Afro-Americana: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Pallas: Universidade Cândido Mendes, 2003.

OLSZEWSKI, Sofia Filha. *A Fotografia e o Negro na cidade do Salvador 1840-1914*. Salvador-Ba: Fundação Cultural do Estado da Bahia, s/d.

PAES, Maria Helena Simões. *A década de 60: Rebeldia, contestação e repressão política*. São Paulo: Ática, 1992.

PINHO, Patrícia Santana. “Denunciando o passado de ‘raça’”. In *Reinvenções da África na Bahia*. São Paulo: Annablume, 2004. pp.174-200.

RALSTON, Richard David e MOURÃO, Fernando Albuquerque. “A África e o Novo Mundo” In BOAHEN, Adu (coord.). *História Geral da África VII – A África sob dominação colonial (1880 -1935)*. São Paulo: Ática/ Paris: UNESCO, 1985. pp. 751-785.

RISÉRIO, Antonio. *Carnaval Ijexá*. Salvador: Corrupio, 1981.

RODRIGUES, Marly. *A década de 80: Brasil: quando a multidão voltou as praças*. São Paulo: Ática, 1992.

SANTOS, Jocélio Teles dos. “O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos”. In *Estudos afro-asiáticos*. Rio de Janeiro, nº. 38, dez/2000, pp. 49- 64.

SARAIVA, José Flávio Sombra. *Formação da África Contemporânea*. São Paulo: Editora Atual, 1987.

SLATER, Phil. “Origem e significado da Escola de Frankfurt”. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. pp. 173 – 212.

SODRÊ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

SOUZA, Ana Lúcia Silva, [et al...]. *De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.

WALKER, Alice. “Cabelo Oprimido é teto para o cérebro”. In *Vivendo pela palavra*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. pp.1- 4

VIANNA, Hildegardes. *A Bahia já foi assim: crônicas de costumes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: GRD, 1979.